

REVOLUÇÃO NÃO É DITADURA

GESTÃO DIRETA DAS BASES NO SOCIALISMO

Luigi Fabbri

FORMAS DIVERSAS: DENTRO DO SOCIALISMO

Também é verdade que tal capacidade, e o espírito de disciplina moral ou de autogestão, não chegariam a se formar espontaneamente, mas com uma extrema lentidão; precisamente por isso que é necessário desde agora, criar ou estimular e cultivar com a propaganda, a discussão, a preparação, primeiramente mental, e em seguida, material, através das várias formas de auto-organização da classe operária e dos grupos revolucionários.

Neste ponto, nos assaltam as objeções de alguns que, em especial, porque estão impressionados com o caso da Rússia, sobre as dificuldades encontradas para a socialização da terra, pensam que pode ser necessária uma autoridade central coerciva, ou seja, a ditadura, forçando os camponeses para o regime socialista, a fim de superar seu apego à propriedade privada da terra, para realizar também na campanha, voluntária ou por força, o comunismo.

O que sabemos é que parecem ter inteiramente confirmada uma antiga ideia anarquista; Isto significa que se a violência revolucionária é útil e necessária para superar a organização burguesa e estatal, para destruir as organizações opressivas atuais, para quebrar em pedaços nossas correntes políticas e econômicas, na obra de reconstrução, no entanto, a violência torna-se prejudicial a menos que seja necessária para defender o trabalho de reconstrução dos ataques da violência externa. Não podemos, portanto, transformar a violência contra aqueles que deveriam ser nossos colaboradores, nossos colaboradores na sociedade comunista, para forçá-los a tal colaboração, sem pôr em perigo a própria existência da nova sociedade. Ao fazê-lo, estamos construindo o edifício sobre uma fundação de areia, e nas primeiras sacudidas se destruirá por terra.

Demolido o Estado burguês e aniquilado o capitalismo, a reconstrução social deve ser obtida pela cooperação voluntária, libertária, através da persuasão e do exemplo, por meio de experimentos cada vez mais amplos e multiformes e não necessariamente uniformes. Até que ponto isso é possível a partir do momento que não podemos prever, mas certamente nós mesmos não devemos criar desde já obstáculos

artificiais, além daqueles que inevitavelmente surgirão ao querer se estabelecer um único plano de reconstrução fixo para ser imposto pelo bem ou pelo mal. A tarefa da revolução é a de nos libertar da tirania do Estado e da exploração dos patrões, de nos salvar ou nos libertar das tentativas de um novo governo ou de novos amos, de remover do meio todas as instituições de poder e de evitar quaisquer condições que permitam ou tornem possível que um homem possa viver explorando outros, tornando-os dependentes dele e trabalhem para ele.

Isso é importante para a revolução e para o socialismo: que ninguém mais seja explorado ou trabalhe por um salário dependendo de outro que ganha mais.

Obtendo isso, estaremos já no socialismo. Então, enquanto os diversos sistemas de organização do trabalho, de distribuir os produtos, etc., seria errado impor pela força um modelo único para todos.

Somos comunistas porque acreditamos que a organização comunista da produção e do consumo é o tipo mais perfeito de realização do socialismo, em harmonia com as múltiplas necessidades, de bens e de liberdade de toda a humanidade. Queremos para nós, portanto, a liberdade de nos organizar no comunismo em todas aquelas partes onde sempre seja possível e onde encontremos pessoas que concordem com a nossa maneira de abordar essa questão. Mas não temos a intenção de impor pela força o nosso sistema para os outros, confiantes de que nosso exemplo seria a melhor maneira de persuadir os outros a segui-lo, como o exemplo alheio poderá nos servir, por sua vez, para melhorar, modificar, aperfeiçoar o nosso sistema.

Nada impedirá que, ao nosso lado, em certos ramos de produção, para certos tipos de consumo, se experimentem sistemas diversos, sempre que em nós e os demais presida o espírito do apoio mútuo, para os intercâmbios, para os serviços públicos comuns, etc., e sempre que nenhum sistema permita forma alguma de exploração do homem pelo homem. Entre os vários tipos de organização se pode tê-las mais ou menos centralizadas, de acordo com o tipo de trabalho, serviço público, das necessidades ambientais, etc.. Os sistemas e os organismos se modificarão sucessivamente, de acordo com a experiência, sobre o exemplo daqueles que resultem melhores, ou seja, custando menos trabalho e sejam mais úteis e produtivos para o bem de todos.

Mesmo em um regime completamente anárquico estamos convencidos que, embora a organização da produção e do consumo sobre as bases comunistas será do tipo dominante e a regra geral (e precisamente porque será uma regra livre e não necessariamente imposta a todos), não vai impedi-lo que persistam - ou por vontade dos

indivíduos ou por necessidades especiais do ambiente ou do trabalho - formas diversas de organização, coletivistas, mutualistas, etc., e até mesmo algumas formas de propriedade individual, a condição de que esta não implique submissão ou exploração de ninguém.

UMA DEFESA ANÁRQUICA DA REVOLUÇÃO

Que seja possível uma defesa anárquica da revolução, mesmo militarmente, mesmo que para nós pareça difícil, não é, no entanto, uma possibilidade que deva ser excluída por completo, quando até mesmo uma revista completamente favorável à ditadura proletária nos dizia em 1919 da resistência oposta a Denikin na Ucrânia pelo general anarquista Makhno, uma das personalidades mais notáveis do país (de acordo a expressão do dito jornal) e que exerce sobre as massas uma enorme influência.

"Militante anarquista, inimigo de toda a ditadura centralista, mesmo em assuntos militares, entende-se que desperte a animosidade de Trotsky, que não queria colaborar com voluntários. Ele é, no entanto, um espírito ardente e sincero. Homem, aliás, totalmente dedicado ao regime dos soviets, mas com base em uma descentralização regionalista. A revolução vai dever-lhe muito, talvez por seu esforço, toda a Ucrânia se torne soviética na próxima primavera".

Makhno dirigiu um tempo as bandas insurgentes contra a política agrícola do Partido Comunista, inspirada em um programa inadequado, às condições do país; assim ao não ser tidas em conta pelos bolcheviques, determinaram a inimizade de uma grande parte da população. Isto confirmaria o quanto dissemos anteriormente, mesmo no que diz respeito à questão das relações entre os revolucionários da indústria urbana e as massas campesinas. Mas as mesmas bandas de ontem, porque eram antibolcheviques, foram consideradas antirrevolucionárias, se converteram mais tarde na mais formidável ameaça às costas dos generais reacionários, Denikin e Wrangel; e na verdade elas favoreceram as mesmas operações militares do Exército Comunista Vermelho.

De qualquer modo, nós entendemos que, depois da revolução, poderia ser definida no território deste regime não-anarquista e que até, pelo menos por agora, esta seja a eventualidade mais possível e mais provável. O que pode acontecer, seja porque a maioria dos trabalhadores envolvidos no movimento pareçam mais propensos a um regime socialista ou republicano, enquanto que os proletários anarquistas constituem ainda uma minoria; seja pela influência de vários fatores externos, entre os quais devemos listar a possibilidade discutida acima examinada de ataques militares por parte

dos Estados burgueses estrangeiros. Podemos desejar que a revolução tome uma determinada orientação; a revolução, pela força dos acontecimentos, por circunstâncias imprevistas, por vontade das massas, etc., pode então tomar uma direção oposta, considerada por nós como menos rentável.

*** Texto publicado em *L'O'rdine Nuovo*, nº 29, Turim, Itália, 1919. Tradução feita a partir da versão espanhola de 1971 da Imprenta Rusti / Editorial Acción Directa, Montevideo / Buenos Aires por Pablo Mizraji. ITHA, 2017.**